

Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil

Organizadoras

Cristina Maria Teixeira Stevens

Maria Jandyrá Cavalcanti Cunha

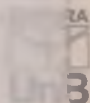
N.Cham. 802.0:37 C183c

Título: Caminhos e colheita : ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil .



10024949
540609

Ex 6 UnB BCE AGE



Caminhos e colheita é uma contribuição para o mapeamento da área de inglês no Brasil, iniciada formalmente na década de 1940. A construção de sua memória é tarefa inadiável, considerando-se a riqueza das atividades desenvolvidas na área ao longo dessas décadas. Para execução deste projeto historiográfico, reunimos professores e pesquisadores de várias instituições brasileiras. Em seus artigos, eles não tratam exclusivamente da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas exploram o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Analisam os níveis secundário e superior – graduação e pós-graduação – em instituições públicas e privadas e também discutem perspectivas futuras para a área no Brasil.

Caminhos e colheita

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Elizabeth Cancelli

Conselheiros:

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Henryk Siewierski,
Jader Soares Marinho Filho, Marília Steinberger,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa
na área de inglês no Brasil

Cristina Maria Teixeira Stevens
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

(ORGANIZADORAS)



Equipe editorial: Severino Francisco (Supervisão editorial); Ludimila Viana Barbosa (Preparação de originais e revisão); Eugênio Felix Braga (Editoração eletrônica); G+Design (Capa); Elmano Rodrigues Pinheiro (Supervisão gráfica)

Copyright © 2003 by Cristina Maria Teixeira Stevens e Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (Organizadoras).

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 02 Bloco C nº 78 Ed. ~~OK~~ ~~anda~~
70300-500 – Brasília, DF
Tel: (0xx61) 226-6874
Fax: (0xx61) 225-5611
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

C183 Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil / Cristina Maria Teixeira Stevens e Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2003.
280 p.

ISBN: 85-230-0735-0

1. Língua inglesa-ensino. 2. Literatura inglesa-ensino.
I. Stevens, Cristina Maria Teixeira. II. Cunha, Maria Jandyra Cavalcanti.

CDU 802.0:37
820:37

*What is a map?
A picture of the Whole, or a part
Of the Earth's surface.*

Elizabeth Bishop, *Poems*

*But a crop is a crop
And who's to say
When the harvest shall stop?*
Robert Frost, *Gathering leaves*

A Kera Stevens,
que é parte desta história

Sumário

ORGANIZADORAS, 11

COLABORADORES, 13

APRESENTAÇÃO, 17

CAPÍTULO 1

ONTEM E HOJE NO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL, 19

José Carlos Paes de Almeida Filho

CAPÍTULO 2

UMA VISÃO GERAL DO ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL, 35

Sara Walker

CAPÍTULO 3

A LDB E A LEGISLAÇÃO VIGENTE SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA, 53

Vera Lucia Menezes de O. e Paiva

CAPÍTULO 4

DA DIDÁTICA À PEDAGOGIA: UMA DESVENTURA BRASILEIRA DE PROPORÇÕES PEDAGÓGICAS, 85

Lynn Mario T. Menezes de Souza

CAPÍTULO 5

A PEDAGOGIA CRÍTICA, A ESTILÍSTICA E O ENSINO DAS LITERATURAS EM LÍNGUA INGLESA, **107**

Sonia Zyngier

CAPÍTULO 6

A PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL – RESGATE E RUMOS, **127**

Cristina Maria Teixeira Stevens

CAPÍTULO 7

MOMENTOS HISTÓRICOS NA PESQUISA DA ÁREA DE LÍNGUA INGLESA, **169**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

CAPÍTULO 8

O ENSINO DO INGLÊS NO FUTURO: DA DICOTOMIA PARA A CONVERGÊNCIA, **225**

Vilson J. Leffa

CAPÍTULO 9

ASSOCIAÇÕES DE PROFESSORES DE INGLÊS, **251**

Carlos Daghlian

CAPÍTULO 10

QUANDO, COMO E POR QUE APRENDI INGLÊS: AS NARRATIVAS DE FRANCISCO, HILÁRIO, ANTONIETA, MUNIRA E NORA, **267**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

Cristina Maria Teixeira Stevens

Organizadoras

CRISTINA STEVENS é doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, tendo feito seu mestrado em Letras, área de língua inglesa e literaturas correspondentes, na Universidade Federal de Santa Catarina. É professora de literaturas de língua inglesa do Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Organizou o livro *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil* (Brasília, Plano, 2000). Foi secretária da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) e vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Americanos (Abea). Atualmente é secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

MARIA JANDYRA CAVALCANTI CUNHA doutorou-se em lingüística na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Lancaster, Inglaterra, tendo obtido seu grau de mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. Com Cristina Stevens, liderou a reformulação acadêmica do antigo mestrado em língua inglesa para o atual mestrado em lingüística aplicada (concentração na área de ensino/aprendizagem de línguas) no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Hoje é pesquisadora associada desse programa. Publicou vários artigos no Brasil e no exterior e organizou (com

Percília Santos) as obras *Ensino e aprendizagem de português para falantes de outras línguas* (Brasília, Editora UnB, 1999) e *Tópicos em português língua estrangeira* (Brasília, Editora UnB, 2002), que incluem artigos voltados para a aprendizagem de nossa língua por anglofalantes.

Colaboradores

CARLOS DAGHLIAN é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, com mestrado na Universidade Pepperdine, Los Angeles, EUA. É livre-docente e titular pela Universidade Estadual de São Paulo, onde leciona Teoria Literária e Literatura Norte-Americana no Departamento de Letras Modernas. É diretor das revistas *Estudos Anglo-Americanos*, e *Stylos*, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Ibilce/Unesp. É autor da obra *Os Discursos americanos de Joaquim Nabuco* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1988) e organizador do livro *Poesia e música* (São Paulo, Perspectiva, 1985), tendo publicado vários trabalhos em periódicos nacionais e internacionais. Foi biografado, em 2001, por George Monteiro, em publicação da *Emily Dickinson International Society*, a propósito de suas atividades relacionadas com a poesia dessa autora. Desde 1976, é presidente da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

JOSÉ CARLOS PAES DE ALMEIDA FILHO é professor de lingüística aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, com área de concentração no ensino/aprendizagem de línguas. Orientou várias teses de mestrado e doutorado sobre os processos de ensinar e aprender língua inglesa. É autor do livro *Dimensões comunicativas no ensino de línguas* (Campinas, Pontes, 1993), hoje na terceira edição,

e organizador de outros quatro livros na área de português-língua estrangeira. No ano de 2000, por ocasião da comemoração dos 500 anos do Brasil, ofertou a disciplina História do Ensino de Línguas no Brasil, até então inédita no país.

LYNN MARIO T. MENEZES DE SOUZA nasceu no Iêmen e criou-se na Inglaterra, onde fez bacharelado em lingüística pela Universidade de Reading. Em meados da década de 1970, foi professor de Letras na Universidade de Moçambique. Desde 1988 leciona língua inglesa e literaturas em língua inglesa no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. No início da década de 1980, elaborou, como co-autor, alguns dos primeiros conjuntos de livros didáticos do ensino comunicativo no Brasil – *English in Brazil*, e *Time educational program*. Coordenou o primeiro conjunto de livros didáticos do ensino comunicativo para o ensino de inglês na rede escolar – *Out turn* – no início da década de 1980. Publicou diversos artigos em periódicos e livros nacionais e estrangeiros nas áreas de ensino de inglês, lingüística aplicada, literaturas pós coloniais, ensino de literaturas e, mais recentemente, sobre letramento multimodal e escritas indígenas no Brasil e nas Américas.

SARAH WALKER nasceu na Inglaterra, onde se graduou em línguas modernas na Universidade de Oxford e obteve o título de mestre em estudos latino-americanos na Universidade de Londres. Ensina inglês no Brasil desde 1967, tendo trabalhado na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro, e no Instituto Britânico Independente, em Brasília. Hoje é professora do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, onde ensina inglês instrumental para diplomacia. Atualmente dá consultorias a diversas entidades, tais como o Banco Central do Brasil, Banco do Brasil, AS e o Con-

selho Britânico. Entre suas publicações, destaca-se *English 2000 landmark review of ELT in Brazil* (The British Council, Londres, 1997 e 2000). Foi presidente do Braz-Tesol (1998-1999) e da Laurels (1990-1991).

SÔNIA ZYNGIER é doutora em lingüística aplicada pela Universidade de Birmingham, com mestrado em literatura inglesa pela Universidade de Liverpool. É professora de língua e literaturas em inglês na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É também diretora adjunta de cultura e extensão da Faculdade de Letras. Grande parte de seu trabalho é voltado para a estilística e o ensino de literaturas em inglês, incluindo um livro didático de estilística e conscientização literária. Sua área de pesquisa inclui análise do discurso e estilística pedagógica, desenvolvendo no momento, projeto na área da ciência empírica da literatura e suas implicações para a educação literária.

VERA LÚCIA MENEZES DE OLIVEIRA E PAIVA é professora de língua inglesa na Faculdade de Letras da UFMG e atualmente preside a Comissão de Especialistas de Ensino de Letras da Sesu-MEC e a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil. Orientou dissertações de mestrado e doutorado nas áreas de lingüística aplicada e de análise do discurso. Organizou três livros, tendo ainda publicado trabalhos no Brasil e no exterior. Sua pesquisa atual foca a interação e a aprendizagem em ambiente virtual.

VILSON J. LEFFA doutorou-se em lingüística aplicada pela Universidade do Texas, com mestrado em Letras (área de língua inglesa e literaturas correspondentes) da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul e atualmente é professor da Universidade Católica de Pelotas. Foi duas vezes presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (Alab). Pesquisa na área de leitura, escrita e política do ensino de línguas estrangeiras. Tem artigos publicados no Brasil e no exterior. No Brasil publicou a obra *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística* (1996) e organizou várias outras: *Autonomy in language learning* (1994), *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação* (com Aracy Pereira, em 1999), *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem* (2000) e *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão* (2001). Organizou também o CD-ROM *Textos em linguística aplicada (Tela)* (2000). Mais recentemente concentrou-se no estudo das novas tecnologias no ensino de línguas, incluindo o computador e o ensino a distância.

Apresentação

O projeto deste livro foi adiado várias vezes em função de compromissos acadêmicos urgentes, mas não necessariamente mais importantes. Há algum tempo vínhamos sentindo que o ensino de inglês no Brasil, iniciado na década de quarenta, precisava ser mapeado. Acreditávamos que fosse importante contribuir para a construção da memória da nossa área.

Felizmente, para isso, conseguimos reunir uma equipe de brilhantes colaboradores interessados em integrar nosso projeto, o que nos possibilitou organizar este livro. Oriundos de várias universidades brasileiras, a contribuição desses professores e pesquisadores evidencia também a diversidade da experiência acadêmica e profissional em nosso país.

Os artigos aqui compilados não se limitaram à presença da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas igualmente aborda o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Tratam eles dos níveis secundários e superior – graduação e pós-graduação, em instituições públicas e privadas e também analisam perspectivas futuras para a área no Brasil.

O nome do livro – *História do ensino e da pesquisa na área de Inglês no Brasil* – traduz o objetivo norteador do projeto, qual seja, o registro de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. O livro analisa as dimensões essenciais do ensino e pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais, acadêmicos. Esses caminhos nos levam à colheita

dos frutos obtidos ao longo da história da língua inglesa e respectivas literaturas no país. Em tempo de colheita, algumas sementes se perdem ao caírem em terreno árido, enquanto outras se frutificam em solo fértil.¹ São esses frutos que nos interessam para o livro.

¹ MUTRAM, M. Língua inglesa: tempo de colheita. *Estudos Avançados*, n. 8(22), USP, 1994.

Capítulo 9

Associações de professores de inglês

Carlos Daghlian

Resumo

Breve história das associações nacionais e estaduais de professores de inglês (língua inglesa e literaturas de língua inglesa), destinadas aos diferentes níveis de ensino, que começaram a surgir nos anos 1970, e discussão do seu papel na articulação dos profissionais da área, como fator de desenvolvimento do ensino e da pesquisa.

Abstract

Brief history of national and state associations of teachers of English Language and Literature, aimed at different teaching levels, which started to be founded in the seventies, with a discussion of their role in the training of English teachers as a factor in the improvement of both teaching and research.

Introdução

Ao tratar das associações no contexto da história do ensino de inglês no Brasil, limitar-me-ei às considerações permitidas por minha condição de professor da antiga FFCL de S. J. do Rio Preto desde 1967 (desde 1976 uma das unidades da Unesp) e de Presidente da Abrapui desde 1976. Sendo seu sócio fundador (1970), nos primeiros anos, exerci, pela ordem, as funções de representante estadual (SP), tesoureiro e vice-presidente. Posteriormente, associei-me à Apliesp e procuro manter-me informado sobre as outras associações estaduais.

Não foi por acaso que as associações em geral começaram a surgir na década de 1970. Já na década anterior, muitos cursos superiores, assim como escolas dos outros níveis, haviam sido criados em todo o Brasil e continuavam a proliferar. As associações foram, de certa forma, o resultado do crescimento e do “amadurecimento” do setor educacional brasileiro.

Assim como certas coisas surgem em decorrência de outras tidas, às vezes, por menos importantes, os eventos responsáveis pelo surgimento das associações culturais e de classe foram se viabilizando na medida em que os meios de comunicação em geral, e especialmente os correios e a telefonia, passaram a funcionar bem e a gozar de credibilidade. E até o aparecimento, no fim dos anos 1960, do xerox, que se tornou um grande facilitador da correspondência, contribuiu para isso. Como sabemos, antes do xerox, a duplicação de textos era uma atividade um tanto morosa e não muito satisfatória quanto à qualidade e aos custos. Surgia, assim, uma infraestrutura capaz de assegurar o desenvolvimento das associações.

Embora este relato se ocupe mais da história da Abrapui, fundada em 1970, não podemos nos esquecer das entidades congêneres, que abrigaram e abrigam um grande número de profissionais de nossa área, incluindo muitos de nossos associados.

Apierj/Apib

A Associação Brasileira de Professores de Inglês do Brasil (Apib) – no início, chamava-se Associação de Professores de Inglês do Estado do Rio de Janeiro (Apierj) –, já extinta, foi fundada e presidida pelo prof. Cesário Salgado de Almeida (docente aposentado da Escola Naval e ex-sócio da Abrapui), no Rio de Janeiro, também na década de 1970, e destinava-se a congregar professores de inglês de todos os níveis e procedências. A Apib chegou a promover vários eventos de âmbito nacional, sempre na cidade do Rio de Janeiro, e a publicar uma série de boletins.

Abrapui

Fundada na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1970, a Abrapui é uma associação civil de caráter cultural, atualmente com sede e foro na cidade de São José do Rio Preto, SP, que tem por objetivos a realização de seminários, simpósios e cursos destinados a professores universitários, à divulgação de obras científicas e literárias e ao intercâmbio cultural.

Pode associar-se à Abrapui qualquer pessoa que seja ou tenha sido professor universitário de qualquer disciplina da área de inglês (língua inglesa, prática de ensino, literaturas de língua inglesa e disciplinas afins) no Brasil, bem como pós-graduandos e outras pessoas qualificadas, a critério da diretoria.

A Abrapui tem atualmente por meta a realização de dois eventos bienais (um Encontro de Língua Inglesa (Enpuli), e um Seminário de Literaturas de Língua Inglesa (Senapulli) e a publicação da revista *Estudos Anglo-Americanos*, além de um catálogo bibliográfico e boletins informativos.

Sua diretoria, eleita a cada dois anos, constitui-se de quatro membros: presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro. Tem sido sempre composta por dois colegas da área de língua inglesa e dois da área de literaturas de língua inglesa.

Fundação e primeiros tempos

A Comissão Fulbright, com a colaboração do Usis, do Conselho Britânico e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, promoveu, em janeiro de 1970, um seminário para professores universitários de inglês, com a duração de uma semana. As atividades ocorreram nas antigas dependências da Faculdade de Letras da UFRJ, situada na Rua Chile, região central do Rio, e os participantes hospedaram-se no extinto Hotel Serrador, a poucas quadras da sede do evento. A Comissão Fulbright ofereceu passagens aéreas, hospedagem completa e um número considerável de livros a todos os convidados. Os seminários seguintes, ainda não identificados pela sigla Senapulli, foram realizados nos mesmos moldes, mas, a partir do quinto seminário, os participantes passaram a receber apenas a hospedagem, o que ainda era um auxílio importante.

Tendo sido criada por ocasião do primeiro seminário, a associação, que ainda não ostentava o nome atual nem a sigla Abrapui, dependia muito da Comissão Fulbright, cujos representantes se encarregavam de escolher o local do evento, os participantes e os trabalhos que seriam apresentados. Como era de se prever, tais escolhas começaram a criar constrangimentos para a diretoria da associação, que não podia estender o convite a todos os seus sócios. Assim, o seminário realizado na UFBA, Salvador, em 1976, foi o último realizado sob o controle da Comissão Fulbright. A diretoria então eleita, com o apoio dos sóci-

os, tomou as rédeas da associação e, aos poucos, foi profissionalizando suas atividades. Os próprios sócios passaram a escolher, mediante votação, o local e o tema dos seminários, bem como os membros da comissão nacional ou científica, responsável pelo aspecto acadêmico do evento.

Apesar das divergências, entretanto, devemos reconhecer e destacar o papel fundamental que a Comissão Fulbright teve na criação da Abrapui e que continuou a ter em suas atividades.

Como podemos verificar na relação dos eventos apresentada a seguir, nos primeiros seminários, a literatura predominava, o que deixava os colegas mais interessados em língua sem o seu foro específico.

Foi em uma reunião da Apib, ocorrida no Rio de Janeiro em 1978, da qual participaram cerca de sessenta docentes universitários, que, por iniciativa do prof. Antonio Wagner Nery, da UFRN, foi proposto a Abrapui promover um encontro nacional de professores universitários de língua inglesa, já que até então só havia realizado seminários para professores universitários de literaturas de língua inglesa. Foi assim que realizamos em Natal, no início de 1979, o primeiro Enpuli.

Eventos realizados com a participação da Abrapui desde 1970, quando a associação foi fundada

Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa (Senapulli)

1. O ensino da Literatura Norte-Americana e da Língua Inglesa no Brasil e da Literatura Brasileira e da Língua Portuguesa nos EUA. Rio de Janeiro, UFRJ, 10-17 jan. 1970. [Comissão Fulbright].

2. O ensino da Literatura Norte-Americana e da Língua Inglesa no Brasil e da Literatura Brasileira e da Língua Portuguesa nos EUA. Brasília, UnB, 11-16 jan. 1971. [Comissão Fulbright].
3. O ensino da Literatura Americana e da Língua Inglesa nas Universidades Brasileiras, São Paulo, USP, 30 jan./ 9 fev. 1972. [Comissão Fulbright].
4. O ensino da Literatura Americana nas Universidades. Brasília, UnB, 4-10 fev. 1973. [Comissão Fulbright].
5. O ensino da Literatura Americana e da Língua Inglesa nas Universidades Brasileiras. Campinas, SP, PUCCAMP, 3-9 fev. 1974. [Comissão Fulbright].
6. O ensino da Literatura Norte-Americana em Universidades Brasileiras. Curitiba, UFPR, 26 jan.-1 fev. 1975. [Comissão Fulbright].
7. O ensino da Literatura Norte-Americana em Universidades Brasileiras. Salvador, UFBA, 2-6 fev. 1976. [Comissão Fulbright].
8. Língua e Literatura Inglesa. São Paulo, 5-9 jul. 1976. [Conselho Britânico].
9. O ensino de Shakespeare. São Paulo, 18-22 jul. 1977. [Conselho Britânico].
10. O Teatro Inglês Moderno. Porto Alegre, PUC-RS, 10-14 jul. 1978. [Conselho Britânico].

11. O Teatro Inglês Moderno. Petrópolis, R.J. Universidade Católica de Petrópolis, RJ, 17-21 jul. 1978. [Conselho Britânico].
12. Commonwealth Literature. Rio de Janeiro, 4-8 fev. 1980. [Conselho Britânico].
13. O ensino da Literatura de Língua Inglesa em Nível Universitário. Vitória, UFES, 26-30 jan. 1981. [Conselho Britânico].
14. Anglo-Irish Literature with Emphasis on Joyce. Nova Friburgo, RJ, 21-26 jan. 1982. [Conselho Britânico].
15. O Romance Contemporâneo Inglês desde 1960. Embu, SP, 20-26 jan. 1983. [Conselho Britânico].
16. Teatro Contemporâneo. Belo Horizonte, PUC-MG, 26 jan.-1 fev. 1984. [Conselho Britânico e Usis].
17. Poesia e Ficção Contemporâneas. Campinas, SP, PUC-CAMP, 28-31 janeiro 1985. [Conselho Britânico e Usis].
18. Tendências da Crítica Contemporânea. Guarulhos, SP, Cies Farias Brito, 27-30 jan. 1986. [Conselho Britânico, CNPq e Usis].
19. O Conto Moderno. Juiz de Fora, MG, Universidade Federal de Juiz de Fora, 26-30 jan. 1987. [Conselho Britânico, CNPq, Usis].

20. A Sátira na Literatura. Ibirá, SP 1-5 fev. 1988. [Conselho Britânico, Embaixada da Irlanda, Usis].
21. Trends in Recent Literature. Maringá, PR, Universidade Estadual de Maringá, 23-27 jan. 1989. [Comissão Fulbright, Conselho Britânico, CNPq, Concitec].
22. Literatura Comparada: Teoria e Prática. Poços de Calda, MG, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Poços de Caldas, 22-26 jan. 1990. [Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, Conselho Britânico, CNPq].
23. Literatura, História e Mito. Belo Horizonte, UFMG, 28 jan.-1 fev. 1991. [Comissão Fulbright, Conselho Britânico, CNPq, Fapemig].
24. A Literatura dos Descobrimentos. João Pessoa, UFPB, 27-31 jan. 1992. [Conselho Britânico, CNPq, Usis].
25. Interdisciplinaridade. S. J. Rio Preto, SP, Unesp/S. J. Rio Preto, 25-28 jan. 1993. [Conselho Britânico, CNPq, Fapesp, Usis].
26. Humor e Ironia na Literatura. Campinas, SP, PUCCAMP, 25-29 janeiro 1994. [Conselho Britânico, CNPq, Usis].
27. Redemarcando as Fronteiras: Literaturas de Língua Inglesa Hoje. Águas de Lindóia, SP, 30 jan.-3 fev. 1995. [Conselho Britânico, CNPq, Fapesp, Usis].
28. Literatura e Cinema. Ouro Preto, MG, XXVIII Senapulli, 29 jan.-2 fev. 1996. [Conselho Britânico, CNPq, Capes, Fapemig, Ufop, Usis].

29. Literatura e Estudos Culturais. Atibaia, SP, 27-31 jan. 1997. [Conselho Britânico, CNPq, Capes, Fapesp, Usis].
30. Ensaio e Biografia. Atibaia, SP, 27-31 jul. 1998. [Conselho Britânico, CNPq, Capes, Fapesp, Usis].
31. Neo-Realismo: Página, Palco e Tela. Juiz de Fora, MG, CES/Juiz de Fora, MG, 17-21 jul. 2000. [Abecan, British Council, Embaixada Americana, Capes, CNPq, Fapesp].

Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa (Enpuli)

1. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. Natal, RN, UFRN, 29 jan-2 fev. 1979. [Conselho Britânico].
2. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. Belo Horizonte, UFMG, 30 jun.-4 jul. 1980. [Conselho Britânico].
3. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. Salvador, UFBA, 16-21 jul. 1981. [Conselho Britânico].
4. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. Florianópolis, UFSC, 14-20 jul. 1982. [Conselho Britânico e Comissão Fulbright].
5. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. São Paulo, PUC-SP, 17-22 jul. 1983. [Conselho Britânico, CNPq, Finep/FNDCT].
6. Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa. Recife, UFPE, 22-27 jul. 1984. [Comissão Fulbright, Conselho Britânico, CNPq].

7. Communicative Language Teaching. Fortaleza, UFC, 28 jul.-2 ago. 1985, [Comissão Fulbright, Conselho Britânico].
8. Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Brasília, UnB, 25-29 jul. 1988. [Conselho Britânico, CNPq].
9. Desafios na Formação do Professor/Profissional de Língua Estrangeira no Brasil. Natal, UFRN, 21-25 ago. 1989. [Conselho Britânico, FNDE/MEC, Inep/MEC, Funpec, Usis].
10. Avaliação curricular: Repensando Objetivos, Métodos e Testagem no Ensino de Inglês. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 30 jul.-3 ago. 1990. [Comissão Fulbright, Conselho Britânico].
11. Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. São Paulo, Faculdade São Marcos, 29 jul.-2 ago. 1991. [Conselho Britânico, CNPq, Embaixada do Canadá, Usis].
12. A Autonomia na Aprendizagem (Towards Learner Autonomy). Porto Alegre, UFRGS, 19-23 jul. 1993. [Conselho Britânico, CNPq, Fapers, Usis].
13. Interdisciplinaridade e Trocas de Experiências Inter-Universitárias: Compartilhando Recursos Humanos e Acadêmicos. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 24-28 jul. 1995. [Conselho Britânico, CNPq, Faperj, Usis].
14. Social Implications [in Pedagogy and in Discourse] of Teaching English as a Foreign Language. Belo Horizonte, UFMG, 21-24 jul. 1997. [Conselho Britânico, CNPq, Capes, Fapemig].

15. The Teaching/Learning of English: Focus on Identity, Texts and Practices. São Paulo, FFLCH/USP, 19-22 jul. 1999. [Conselho Britânico, Capes, Yáziqi, Alpha Idiomas, CEL-LEP, CNPq, Fapesp].
16. Formação de Professores em Tempos de Mudança. Londrina, PR, UEL, 2-6 set. 2001. [Capes, CNPq, Conselho Britânico, Embaixada Americana, Fundação Araucária].

Outros

1. Mesa-redonda sobre Pós-Graduação em Literaturas de Língua Inglesa no Brasil. Rio de Janeiro, Itamaraty, 11-13 out. 1982. [UFRJ e Conselho Britânico].
2. Encontro Regional de Professores Universitários de Língua Inglesa (Região Centro-Leste). PUC-RJ, jul. 1986. [Comissão Fulbright, Conselho Britânico]

O Encontro conjunto do XVII Enpuli e o XXXII Senapulli, com os temas A interculturalidade no ensino de inglês e literaturas de língua inglesa: visões e revisões, respectivamente, realizou na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, de 6 a 10 de abril de 2003. Os dois eventos contaram com a colaboração de agências nacionais de fomento, como a Capes, o CNPq, a Fapesp, e com entidades de outros países, como as embaixadas dos Estados Unidos e do Canadá.

Estudos anglo-americanos

No seminário realizado com o apoio do Conselho Britânico em São Paulo, em julho de 1976, foi lançada a idéia de publicarmos

uma revista especializada da Abrapui. Assim, em 1977, foi publicado o seu primeiro número, e o nº 26, referente ao ano de 2002, encontra-se no prelo, devendo vir a lume em janeiro de 2003. Em seus 26 números, incluindo um suplemento, contidos em treze volumes, foram publicados mais de duzentos trabalhos. *Estudos Anglo-Americanos* (ISSN 0102-4906), também indexada na *Modern Language Association*, tem por objetivo publicar artigos e resenhas sobre língua inglesa e literaturas de língua inglesa.

Catálogo bibliográfico

O catálogo, que já conta com mais de dois mil itens, tem por finalidade registrar “todos” os trabalhos da área de inglês produzidos ou publicados no Brasil, em inglês ou em português: dissertações, teses, livros, capítulos de livros e artigos em periódicos especializados. Com a divulgação do *Catálogo bibliográfico da Abrapui*, esperamos colocar um valioso instrumento de trabalho à disposição dos estudiosos e pesquisadores de nossa área.

Apliesp e outras associações estaduais

Em 1986, um grupo de professores de língua inglesa do Estado de São Paulo, que incluía vários sócios da Abrapui, insatisfeito com os reflexos da Resolução nº 1/1985, assinada pelo Secretário da Educação, que transformava o inglês em atividade nas escolas estaduais, fundou a Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (Apliesp). Graças ao empenho das primeiras diretorias, em dez anos a Apliesp consolidou-se e é hoje reconhecida no meio acadêmico e educacional. A Associação elege bianualmente sua diretoria e promove dois eventos de curta dura-

ção – Jornada de Ensino de Língua Estrangeira (Jele) e Spring Conference – por ano. Tem promovido cursos de reciclagem e publica a revista *Contexturas*, para divulgar experiências e tendências no ensino de língua estrangeira.

A leitura dos boletins da Apliesp, publicados desde agosto de 1985, revela o denodo com que as diretorias, que sempre contaram com docentes das três universidades estaduais paulistas em sua composição, lutaram pela revogação da Resolução n. 1/1985. Conseguiram reunir-se com o Secretário da Educação e participar de comissões no âmbito da Secretaria, mas, infelizmente, o teor da resolução, que recebeu outros números, foi mantido até 1996, quando da promulgação da nova lei de diretrizes e bases.

Em 17 de outubro de 1992, a Apliesp enviou, à Secretaria da Educação, um abaixo-assinado, obtido em assembléia-geral, realizada por ocasião da VI Spring Conference, de repúdio à retirada da disciplina Língua inglesa da grade curricular das quintas e sextas séries. Os argumentos então apresentados merecem destaque:

- I - O ensino de língua estrangeira no 1º e 2º graus tem uma função educacional importantíssima no desenvolvimento integral do aluno em várias dimensões:
 - a) *afetiva*: desenvolvimento da personalidade do indivíduo e da interação com o grupo;
 - b) *cognitiva e crítica*: desenvolvimento da capacidade crítica e de formas de raciocínio lógico, como indução/ dedução, comparação, inferência, generalização, intuição, etc.;
 - c) *social*: reconhecimento de sua subjetividade imbricada na do outro;
 - d) *cultural*: reflexão sobre sua própria cultura como sistema aberto em forma comparativa, levando a uma

leitura do mundo por meio das diferenças e semelhanças entre as diversas sociedades;

- e) *política*: estratégia de integração do Brasil na rede mundial de comunicações nos diversos campos de atuação;
- f) *instrumental*: aplicação do conhecimento da LE em estudos futuros ou no exercício de profissões diversas;
- g) *curricular/interdisciplinar*: integração com o conteúdo e as habilidades de outras disciplinas para desenvolver o raciocínio e uma postura crítica e reflexiva em face dos conteúdos apresentados.

II - É necessário uma urgente revisão dos princípios que levaram a Secretaria da Educação a retirar a LE da grade curricular de 5^a e 6^a séries, já que acarretarão as seguintes conseqüências:

- a) empobrecimento da formação integral do aluno, conforme exposto anteriormente;
- b) discriminação do aluno do setor público, negando-lhe a possibilidade de uma valorização maior como indivíduo quanto ao desenvolvimento de suas potencialidades para uma participação ativa na sociedade;
- c) negação de oportunidades de aperfeiçoamento individual numa sociedade competitiva, diminuindo as possibilidades de acesso a estudos técnicos, acadêmicos e profissões que requerem mão-de-obra especializada;
- d) desestímulo para a capacitação docente na área, promovendo a mediocridade no ensino de línguas ao ignorar o seu valor educacional.

Compartilhando as preocupações dos fundadores da Apliesp, os participantes do VII Enpuli, realizado na Universidade Federal do Ceará, de 28 de julho a 2 de agosto de 1985, muitos dos

quais professores do Estado de São Paulo, aprovaram uma moção, que levou a diretoria da Abrapui a enviar, em 11 de setembro de 1985, a seguinte carta ao Secretário da Educação do Estado de São Paulo:

Sem qualquer consulta à comunidade docente ou, pelo menos, ao Conselho Estadual de Educação, houve por bem o Excelentíssimo senhor Secretário da Educação do Estado de São Paulo baixar, a 7 de janeiro do corrente ano, uma Resolução transformando o ensino de Língua Estrangeira Moderna, nas escolas de 1ª e 2ª graus, em simples “atividade”. Isso significa que, para fins de promoção, o aproveitamento do aluno será feito com base na assiduidade apenas, e não em suas notas.

Após duas décadas, essas decisões de cima para baixo já não mais surpreendem. Por isso mesmo, preferimos ignorar esse aspecto da aludida Resolução e concentrarmo-nos em suas conseqüências práticas. E não há dúvida de que estas serão altamente nocivas à causa da educação. De fato, num sistema de ensino como o nosso, em que, desgraçadamente, a nota representa quase sempre a única motivação, transformar qualquer disciplina em atividade é preparar o caminho para a sua completa extinção.

Aliás, parece que não são poucos os que desejam que isso realmente ocorra. E os argumentos que temos ouvido e lido contra o ensino das línguas estrangeiras no curso secundário são os mais variados. Já houve até quem pela imprensa afirmasse que ele é útil apenas para quem pretende viajar para o exterior; e como a maioria dos nossos alunos jamais poderá fazê-lo, manter tais cursos é desperdício de dinheiro público. Outros, também pela imprensa, ponderam que, do modo como é ministrada, ninguém realmente aprende língua estrangeira em nossas escolas; e como, com os recursos de que dispomos, não se pode mesmo melhorar o nível, a melhor solução para o problema é cortar o mal pela raiz, eliminando-se a disciplina. Finalmente, como era de se esperar, há também os nacionalistas xenófobos e bitolados que acreditam que o tempo gasto na aprendizagem de idiomas estrangeiros seria melhor aproveitado no estudo das coisas nossas.

Não sabemos qual desses argumentos teria pesado mais para induzir a Secretaria da Educação no Estado a baixar sua infeliz Resolução. Esperamos que não tenha sido o primeiro, pois qualquer um pode perceber que muito acima dos sonhos turísticos dos estudantes estão as necessidades culturais do país, que, em numerosíssimos casos, só

podem ser atendidas através do contato *direto e imediato* com as fontes estrangeiras. Não deve ter sido também o segundo argumento, pois se o fosse — dada a baixa qualidade de nosso ensino de 1^a e 2^a graus —, a Secretaria, por uma simples questão de coerência, teria que fazer o mesmo com todas as disciplinas. Quanto ao terceiro ponto, recusamo-nos a crer que o motivo tenha sido sugerido pelo nacionalismo estreito o qual, em última análise, é antipatriótico, visto que, sob o pretexto de promover o ensino de nosso idioma (que, por certo, deve ser estimulado), acaba por isolar a nação do resto do mundo, retirando dos brasileiros não só os meios para o progresso científico, mas também os próprios referenciais para que possam avaliar com justeza os méritos de suas conquistas culturais. Mas, se nada disso teria levado a Secretaria a reduzir drasticamente o peso das línguas estrangeiras em nosso sistema educacional, por que então ela o fez? Como pode um órgão, cuja atribuição específica é promover a educação, tomar medidas que contrariam frontalmente os interesses da própria educação? Seria talvez para favorecer a rede de ensino particular, ainda que sob pena de elitizar ainda mais a cultura neste país? Qual a verdadeira razão?

Esta carta jamais foi respondida.

Depois da Apliesp, foram surgindo outras associações estaduais: Apirs (Rio Grande do Sul), Aplisc (Santa Catarina), Apliepar (Paraná), APLIEMGE (Minas Gerais), para citar apenas algumas das mais conhecidas. Todas elas desenvolvem atividades idênticas às da Apliesp e congregam professores de todos os níveis e tipos de escolas.

O nome do livro – *Caminhos e colheita* – traduz o objetivo central do projeto, que é a localização de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. A obra analisa as dimensões essenciais do ensino e da pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos.

Cristina Maria Teixeira

Stevens, doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, é professora de literaturas de língua inglesa na Universidade de Brasília. É secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês.

Maria Jandyra Cavalcanti

Cunha, doutora em linguística pela Universidade de Lancaster, Inglaterra, é pesquisadora na Universidade de Brasília. Publicou vários trabalhos no Brasil e no exterior na área de ensino de línguas estrangeiras.

Caminhos e colheita é o produto de um esforço historiográfico de professores e pesquisadores de várias universidades brasileiras que atuam na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. A obra apresenta elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. Analisa aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos do ensino e da pesquisa da área em nosso país.

Código EDU: 366609

ISBN 85-230-0735-0



9 788523 007355